



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
WANDERSON LUIZ TAVARES VIANA

Relatório:

**MEMÓRIAS DA COBERTURA JORNALÍSTICA NA TRAGÉDIA COM O
BARCO NOVO AMAPÁ**
*DOCUMENTÁRIO: MORTE NAS ÁGUAS. TRISTES MEMÓRIAS DE UM 6 DE
JANEIRO.*
TRAGÉDIA COM O BARCO NOVO AMAPÁ.

2.SUMÁRIO	
3. RESUMO:	04
4. PALAVRA CHAVE:	04
5. INTRODUÇÃO:	05
6. PROBLAMA DA PESQUISA:	07
7. JUSTIFICATIVA:	08
8. OBJETIVO:	09
8.1. Objetivo Geral:	09
8.2. Objetivo Especifico:	09
9. REFERENCIAL TEÓRICO:	10
9.1. Jornalistas também são fontes:.....	10
9.2. Entrevistas:	12
9.3. Documentários que resgatam memórias:	13
10. METODOLOGIA:	20
11. CONCLUSÃO:	24
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:	27
13. ANEXOS:	28
13.1. Roteiro:	28
14.2. Documentário:	41

3.RESUMO

Este trabalho escrito relata o processo de elaboração de um documentário, ratificado como o produto de um projeto experimental de conclusão de curso de Jornalismo da Unifap, sobre a cobertura jornalística realizada na tragédia com Barco Novo Amapá, que aconteceu em 6 de janeiro de 1981. O documentário relata, através da memória de jornalistas, sobrevivente e soldado, os bastidores da cobertura jornalística da tragédia realizada na época pela Rádio Nacional, pela TV Amapá e pelos jornais impressos de Macapá e até do Brasil. Este acontecimento vitimou centenas de pessoas no Rio Cajari, na divisa entra o município amapaense de Laranjal do Jarí e o município paraense de Monte Dourado. Os trabalhos dos jornalistas foram de extrema importância para informar o Brasil e principalmente a comunidade amapaense sobre a dimensão da tragédia, que até a chegada dos jornalistas ainda era desconhecida.

4.PALAVRAS CHAVE: Novo Amapá, jornalismo, Memória, História e documentário.

5.INTRODUÇÃO:

Macapá – AP

2015

Este trabalho escrito é o relato de um documentário audiovisual sobre o acidente com o Barco Novo Amapá, que aconteceu na noite de 06 de janeiro de 1981, as primeiras informações sobre o ocorrido só começou a chegar ao conhecimento da imprensa local através de alguns sobreviventes que chegavam em Macapá na tarde do dia seguinte ao acontecido, 07 de janeiro de 1981. O trabalho dos jornalistas na cobertura do fato foi de suma importância e perdurou ao longo de toda a semana, tendo sua repercussão por vários meses e até anos. Até hoje ainda não se tem registros no Brasil de tragédia fluvial maior que a “tragédia com barco Novo Amapá”.

Segundo relatos dos entrevistados e pesquisa bibliográfica sobre o fato, estimasse que o barco estivesse com aproximadamente 600 pessoas a bordo, onde sua capacidade era para apenas 150. Ainda hoje não se tem números exatos de mortos desta tragédia falasse em 300, ou 400 mortos, mas pela falta de informação no despacho da embarcação o número exato de mortos é desconhecido.

O acidente aconteceu próximo ao município paraense de Monte Dourado, que faz fronteira com o estado do Amapá através do município de Laranjal do Jari, distante aproximadamente 265 quilômetros da capital, Macapá.

As memórias dos jornalistas, sobrevivente e soldado montaram a composição do documentário, que foi elaborado para a execução em uma mistura de formatos, trabalhando com os modos de documentários expositivo, participativo e poético. Buscou-se inspiração em documentários de conceituados cineastas, como por exemplo: João Moreira Salles, autor de “Noticias de uma guerra Particular”; Eduardo Coutinho, autor de “Morro Santa Marta” e “Edifício Master”. Ambos autores citados são de grande importância para o crescimento da arte cinematográfica no país, sendo destaques inclusive no exterior.

Partindo da ideia de que “do documentário, não tiramos apenas prazer, mas uma direção também” (NICHOLS, 2005: 27), este trabalho pretende evidenciar uma nova visão sobre este assunto de grande relevância social, que foi, e é a tragédia com Barco Novo Amapá, através das memórias daqueles jornalistas, sobrevivente e soldado. Com a participação especial da *Cia Supernova de Teatro Experimental* a voz ‘off’, ou voz de Deus, que é uma marca nos documentários expositivos, foi substituída por declamações de poemas, que deixou o trabalho também com características do formatos poético.

Philippe Joutard esclarece que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”. Este é o caso da tragédia com o Barco Novo Amapá, que até hoje no estado do Amapá, ainda pode se sentir o impacto causado por este trágico acontecimento, ou seja, este fato pode ser tratada como um acontecimento ‘vivido por tabela’, pois é possível que muitos que não estavam no momento do fato, ou mesmo pessoas que ainda não haviam nascido, sintam-se fazer parte deste acontecimento. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, pag.2).

Outra base para a construção do documentário é o documentário de Eduardo Coutinho, Edifício Master, produzido em 2002. Esta produção retrata através de entrevistas a questão da memória individual e coletiva de 37 moradores do Edifício. Este documentário relata histórias de vida e a situação do prédio que antes tinha uma péssima reputação pela presença do tráfico de drogas e prostituição.

Assim, este relatório descreve o modo de elaboração do documentário *Morte nas Águas: Tristes Memórias de um 6 de Janeiro*, que se propôs a saber como foi realizada a cobertura jornalística em Macapá, na semana e no mês da tragédia fluvial.

No documentário, foram efetuadas entrevistas com jornalistas que cobriram o fato, com um sobrevivente e com um soldado que colaborou com a retirada de corpos nos dias que sucederam o naufrágio. É preciso dizer que descrevo o documentário realizado com verbos no pretérito perfeito, porque este trabalho é o relatório do trabalho já realizado. Para a construção do produto do projeto experimental seguir as orientações de minha orientadora, refiz o meu projeto de pesquisa, e baseei-me no problema, justificativa e objetivos construídos.

Neste trabalho audiovisual, tenta-se entender o ocorrido de acordo com Maurice Halbwachs, que relata a memória “como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (POLLAK, 1992, pag.2).

Neste sentido, o objetivo do documentário é mostrar como foi a cobertura jornalística, averiguando quais os meios de comunicação enviaram seus jornalistas ao local do acidente e quem foram esses jornalistas, percebendo em quais condições

jornalísticas – e inclusive emocionais – este trabalho de cobertura da tragédia foi realizado. O documentário foi realizado somente por mim, que fiz o roteiro, a captação do áudio, vídeo, as entrevistas e a edição do produto.

6.PROBLEMA DE PESQUISA:

Este caso, do Barco Novo Amapá, é considerado a maior tragédia fluvial da Amazônia, quiçá do Brasil. A imprensa local foi de suma importância na transmissão da informação sobre o ocorrido.

Nesta época, em que aconteceu o incidente com o barco, os meios de comunicação, no Amapá, ainda estavam se desenvolvendo, tendo como os principais meios a Rádio Nacional, que posteriormente veio a se tornar Rádio Difusora de Macapá e a TV Amapá - que ainda não era a potência que é hoje - e alguns jornais impressos.

Logo, o problema deste trabalho é mostrar como e quando a mídia local ficou sabendo sobre o fato da tragédia, como foi noticiado e como foi feita essa transmissão de dados jornalísticos por estes jornalistas que foram direcionados para o local do incidente. Desta forma, pretende-se contextualizar e investigar o ocorrido, fazendo um resgate da memória da cobertura jornalística da tragédia com o Barco Novo Amapá através de um documentário audiovisual, com jornalistas, sobrevivente e soldado que fizeram parte do resgate dos corpos das vítimas.

Vale ressaltar que hoje os áudios feitos pelo profissionais da Rádio Nacional não existem mais, bem como os vídeos do trabalho dos jornalistas da TV Amapá, que estavam armazenados em um HD que foi extraviado. As imagens originais gravadas estão em uma fita, ou seja, uma mídia que não pode ser disponibilizada no momento, pela falta do equipamento necessário para a reprodução (conversão) do material. Ainda que nenhum profissional da área do jornalismo impresso estivesse no local da tragédia, hoje este é o único meio de comunicação onde podemos encontrar e acessar o mínimo de material sobre o fato.

Destacamos também, que não há no Amapá nenhum documentário audiovisual sobre o assunto, abordando as memórias desses jornalistas que cobriram a tragédia.

7.JUSTIFICATIVA

“A tragédia do Barco Novo Amapá” é como ficou conhecido o acidente com a embarcação “Novo Amapá”, que aconteceu na noite de 06 de janeiro de 198. A notícia do fato só chegou em Macapá no início da tarde do dia 07 de janeiro.

O barco saiu do porto de Santana no dia seis de janeiro às 14 horas, em direção ao município de Laranjal do Jari, levando em sua maioria trabalhadores da empresa Jari Celulose. Após seis horas de viagem o barco naufragou nas intermediações da foz do rio Cajari, na fronteira entre o estado do Amapá e o estado do Pará

As primeiras informações foram dadas por dois sobreviventes, eles davam como certa a morte de 23 das 146 pessoas que o despachante Oswaldo Nazaré Colares, informou à capitania dos portos do Amapá. No dia seguinte a verdadeira extensão da tragédia mostrou-se aos olhos da população de Macapá. Não existe número exato de quantas pessoas estavam no barco, estima-se que mais de seiscentas pessoas viajavam, e estima-se que apenas metade, ou menos, sobreviveu ao acidente.

Logo, a escolha pelo tema da Tragédia do Barco Novo Amapá se deu por ter sido um fato de grandes proporções no Brasil, sendo veiculado em um dos maiores telejornais da emissora Globo, o Jornal Nacional, e em diversos jornais estrangeiros. Aqui no estado do Amapá, a população ficou chocada com o que aconteceu e com o que era visto no Porto de Santana: cadáveres irreconhecíveis chegavam nas balsas, e eram imediatamente encaminhados para o cemitério de Santana, em extremo estado de putrefação, onde foram enterrados de forma coletiva em grandes valas, sem identificação de quem eram aquelas pessoas.

É por acreditar que é em momentos assim, de tragédias e fatos de grandes repercussões, que o jornalista deve realizar um trabalho aprofundado. É neste momento que os jornalistas devem cumprir sua mais nobre e simples missão: Informar os fatos.

Este trabalho não é apenas um simples registro para que as pessoas lembrem do trágico acontecimento que envolveu o Barco “Novo Amapá”, este trabalho pretende contribuir, através de um documentário audiovisual, para a abertura de espaço relativo à memória do fato e do jornalismo amapaense, que está se perdendo gradativamente com o tempo por diversos fatores, um deles é a idade avançada desses jornalistas, que em breve poderão não mais estar nos meios dos vivos e assim levaram com eles para sempre as principais memórias da comunicação do Amapá. E o outro motivo é a falta de

cuidado no arquivamento das informações e dos materiais produzidos, que um dia foram veiculados pelos meios de comunicação.

8. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Produção de um documentário audiovisual com uma hora e seis minutos, sobre a memória da cobertura jornalística da “tragédia com o Barco novo Amapá”, através dos relatos de sobrevivente, soldado que ajudou na remoção dos corpos das vítimas e jornalistas que trabalharam para repassar as informações do ocorrido para a população do Amapá e do Brasil em geral. O documentário objetiva averiguar quais os meios de comunicação enviaram seus jornalistas ao local do acidente e quem são esses jornalistas, percebendo em quais condições jornalísticas – e inclusive emocionais – este trabalho foi realizado.

Objetivos Específicos

- > Produção de Documentário audiovisual com a união dos formatos participativos, expositivo e poético, com duração de uma hora e seis minutos;
- > Mostrar através de relatos a cobertura jornalística dada a Tragédia com o Barco Novo Amapá;
- > Exibir relatos de Jornalistas e sobrevivente do acidente ocorrido em 6 de janeiro de 1981;
- > Exibir o relato de um soldado que ajudou no resgate dos corpos das vítimas.
- > Entender e mostrar quem realizou a cobertura e como foi;

9. REFERENCIAL TEÓRICO

A área da comunicação nasce para suprir uma necessidade humana que se origina nos tempos mais remotos: a de saber o que acontece além da nossa própria existência. É através do trabalho dos jornalistas que a sociedade se informa sobre os principais acontecimentos ocorridos no âmbito mundial. Entre os vários fatos ocorridos no dia a dia a escolha do que será ou não informado ao público é uma escolha independente do jornalista. Os jornalistas adquirem um papel de grande importância na narração da notícia no que diz respeito a garantia de mais realismo e credibilidade à ação. Transformando fatos da realidade em relatos. Jornalismo é uma atividade para ser lido, ouvido, visto, visto-e-ouvido.

9.2 Jornalistas que também são fontes

Nilson Lage (2006) estabelece categorias para as fontes no telejornalismo. O autor afirma que elas podem ser muito confiáveis ou pouco confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais.

Lage classifica as fontes em três grupos: a) fontes oficiais, oficiosas ou independentes; b) fontes primárias e secundárias; c) os *experts* e as testemunhas.

As oficiais que são as fontes que geralmente respondem pelo Estado, empresas ou organizações como sindicatos. As oficiosas são aquelas reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas que não falam em nome da mesma. As independentes são as fontes que englobam organizações não institucionais;

Fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher as principais informações de sua matéria, como: fatos, números e dados; as fontes secundárias são consultadas, por exemplo, na hora de elaborar uma pauta.

O grupo de dos *experts* seriam as pessoas que interpretam ou dão versões sobre determinado evento, os especialistas em determinado assunto. Lage identifica a testemunha como a fonte mais próxima do documentário. Esta fonte dá o seu ponto de vista, o seu olhar, seu testemunho, que neste caso é “normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva” (LAGE, 2006: 66).

No livro *Técnicas de Codificação em Jornalismo*, Mário Erbolato (2006) classifica as fontes em dois grandes grupos: as fixas e as fora de rotina. “Fixas são aquelas às quais se recorre para o noticiário de todos os dias [...] Fora de rotina são as fontes procuradas excepcionalmente, quando o esclarecimento de um fato o exige” (ERBOLATO, 2006, p. 183). O autor define fonte como sendo qualquer pessoa que presta informações

ao repórter e as divide em: diretas, indiretas e adicionais. Ainda segundo o autor, as fontes diretas são pessoas ou documentos envolvidos diretamente com o fato. As fontes indiretas são pessoas ou documentos que sabem de um fato apenas circunstancialmente, mas não estão diretamente envolvidas com ele. Fontes adicionais, ainda segundo Erbolato, são aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história. “Entre elas, citam-se os livros de referência, enciclopédias, almanaques, atlas e relatórios”. Na mesma classificação são incluídas as pessoas, de qualquer forma ligados a acontecimentos atuais (BONFIM, 1969 apud ERBOLATO, 2006, p. 184). Utilizando outro critério – a maneira como as fontes aparecem na notícia - Erbolato as classifica como ostensivas e indeterminadas.

É importante ressaltar que estes jornalistas, que foram fazer a cobertura do acontecimento com o Barco Novo Amapá, também foram em busca de suas mais diversas e diferentes fontes naquele momento, para então repassar as informações à sociedade. No entanto, neste documentário pretendo mostrar como o jornalista também vira uma fonte, mostrando e decifrando todos os lados da situação buscando entender o que realmente aconteceu; os porquês? Como foi que aconteceu? quem foram os culpados? Que estava no barco? Quem morreu?

Os jornalistas que outrora eram acostumados a realizar entrevistas, agora estão no papel de fonte, o que muitas vezes causa um certo desconforto para alguns jornalistas, como pude perceber em minhas entrevistas, principalmente em situações difíceis. O jornalista Humberto Moreira, foi um dos jornalistas que esteve presente na cobertura do naufrágio do barco Novo Amapá, e hoje ele é uma das principais fontes vivas e *in loco* sobre o acontecimento, pois ele esteve presente por vários dias no local do acidente, ajudou na remoção dos corpos para o porto de Santana, além de ter conhecidos que estavam no barco e que acabaram perdendo a vida. No entanto, falar sobre o assunto, para ele, é algo muito delicado e difícil, inclusive o próprio ato da negociação da entrevista envolveu estas subjetividades.

Neste documentário, os jornalistas que cobriram a tragédia são fontes diretamente ligadas ao fato, pois estavam e de certa forma ainda estão envolvidas nesta tragédia que todos os anos ainda comove o Amapá.

9.1 – Entrevista

A entrevista é um dos recursos primordiais para ilustrar, fundamentar e legitimar a narrativa jornalística. Seja na elaboração de um minucioso perfil, ou na realização de uma grande reportagem, na produção audiovisual a entrevista é elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade, que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental “a entrevista desenvolve-se em direção das superindividualidades que reinam no mundo dos veículos de comunicação” (MORIN apud ERBOLATO, 2008).

A entrevista é um gênero do jornalismo que requer grande conhecimento para se obter os melhores resultados e conseguir informações necessárias e de interesse público. Medina afirma que:

A entrevista nada mais é que a técnica jornalística e técnica das Ciências Humanas em que se obtêm informações através de diálogo entre entrevistado e entrevistador — este, na comunicação coletiva e no jornalismo, conhecido como repórter. O entrevistado também, tecnicamente, pode ser denominado fonte de informação (MEDIDA, 2008, p. 84).

O diálogo é de suma importância para a interação do entrevistador e entrevistado “é o procedimento clássico de apuração de informação em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2008, p. 73).

No documentário “Morte nas águas: tristes memórias de um 6 de janeiro” a entrevista foi usada para juntar os diferentes relatos. “Como espectadores, temos a sensação de que testemunhamos uma forma de diálogo entre cineasta e participante que enfatiza o engajamento localizado, a interação negociada e o encontro carregado de emoção” (NICHOLS, 2005, p.162).

Bill Nichols expõem que nos documentários a presença do aparato técnico faz com que a entrevista fique longe de uma conversa informal e até mesmo de um interrogatório. Outra questão em destacar é a do discurso em primeira pessoa, que, segundo Nichols, predomina em um tipo específico, o “documentário participativo” (Nichols 2005, p. 135-177), e colabora para que o espectador perceba o encontro como um momento “carregado de emoção”.

9.3 Documentários que resgatam memórias

A reportagem documental em televisão é o relato documentado, costuma apresentar os dados de maneira objetiva, acompanhando informações ou citações que complementam ou esclarecem o assunto que está sendo tratado. Normalmente esse tipo de reportagem é expositiva.

Noticiar tragédia, guerras e desastres não são fáceis para os jornalistas, além de manter o “sangue Frio” tem-se o cuidado para não apelar para informações sensacionalistas.

Caiu um avião na mata, é notícia, resgatam-se os passageiros e tripulantes dias depois, outra notícia; divulga-se o relatório técnico sobre o desastre, uma terceira notícia apoiada na recuperação das duas anteriores, Já o relato trabalhado, com base em testemunhos, do sofrimento daqueles dias passados na selva, entre feridos, mortos, medo, incertezas e crises de desespero – isso daria uma excelente reportagem. (LAGE, 2005. P.139)

Os jornalistas necessitam do mínimo de preparo para entender que um tragédia não produz apenas cenas de desespero, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque. Essensfelder (2013) baseado na pesquisa de Coté e Simpson(2000) sobre o trabalho jornalístico em situações traumáticas, diz que a aparente “calma” de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada. “Cada vítima lida com a tragédia à sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento o efeito do choque”.

São os relatos daqueles que passaram pelos momentos de desespero que dão à cobertura um caráter humano. Como AMARAL afirma:

Outra função do testemunho é ressaltar o que há de mais humano ou desumano em tal acontecimento. É denunciar uma perda e a vivência ou sobrevivência de um evento radical e limite. As fontes testemunhais sozinhas não dão o sentido primeiro ao fato, elas compõem um relato necessariamente acompanhado de outros, até porque a experiência não é autoexplicativa, ela não basta ao relato jornalístico. (AMARAL, 2011, p.12)

Para a realização do Documentário Audiovisual sobre a cobertura da Tragédia do Barco Novo Amapá – no enfoque da narração do fato e elaboração da notícia na época -, buscou-se inspirações de documentários de renomeados cineastas, como por exemplo: João Moreira Salles, autor de “Noticias de uma guerra Particular”; Eduardo Coutinho,

autor de morro Santa Marta” e “Edifício Master”. Ambos autores citados são de grande importância para o crescimento da arte cinematográfica no país, sendo destaques inclusive no exterior.

NICHOLS (2005: 27) distingue os filmes entre o real e o imaginário: segundo o autor, todo filme pode ser considerado um documentário, pois é colocada em evidência a cultura que o produz, partindo da realidade da mesma. Sob essa visão dividimos os filmes em duas grandes categorias: os documentários de satisfação de desejos (comumente denominados ficção) e os documentários de representação social (denominados não-ficção). Isso não significa que a ficção não possa se basear num fato real ou que não-ficção não recorra a recursos como a simulação de situações históricas:

[...] Os documentários de satisfação de desejos são o que normalmente chamamos de ficção. Esses filmes expressam de forma tangível nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Tornam concretos – visíveis e audíveis – os frutos da imaginação. [...] Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. [...]. (NICHOLS, 2005, pag.27)

O documentário pode ser considerado um instrumento para contextualizar e aproximar as pessoas do lugar que residem. O diferencial entre documentário e notícia é a produção, além de informar o documentário dá uma nova perspectiva sobre o mesmo assunto. Segundo NICHOLS (2005, 27) “do documentário, não tiramos apenas prazer, mas uma direção também”. Assim o documentário propõe-se a dar uma nova visão sobre um assunto de relevância social que não possui uma resposta fechada e pode variar de acordo com a opinião de cada pessoa.

A produção de documentários vem se desenvolvendo mediante os avanços tecnológicos e o momento histórico no qual o filme está inserido. NICHOLS (2005) apresenta seis modelos ou tipos de documentário: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Esta divisão realizada por Nichols serve para observarmos as diferentes formas existentes para a construção do documentário, entretanto mais de um estilo pode aparecer no mesmo filme de acordo com o que o cineasta deseja.

Esses modos determinam uma estrutura de afiliação frouxa, na qual os individuais trabalham; estabelecem as convenções que um determinado filme pode adotar e propicias expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas. Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipo ou modelo: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo [...] (NICHOLS, 2001, P.136)

Os modos de documentário poético, participativo e expositivo, são os formatos que compuseram a construção do documentário audiovisual sobre a tragédia do Barco Novo Amapá. O expositivo é um dos mais difundidos e o que o público mais reconhece como documentário devido ao uso constante de seus elementos em noticiários de TV. Neste modo a estrutura se consolida em torno de retóricas e argumentos. A perspectiva do filme é dada pelo comentário feito em voz ‘off’ e as imagens limitam-se a confirmar a argumentação narrada (NICHOLS, 2005).

Como exemplo de documentário expositivo, destaca-se João Moreira Salles e Kátia Lund em: *Notícias de uma guerra Particular*. Este filme inicia com “a voz de Deus” (MOLFETTA, 2008, p.20), falando sobre a ação da polícia em incinerar as drogas apreendidas nos morros do Rio de Janeiro, que aumentou após a metade da década de oitenta, tendo as imagens da incineração das drogas comprovando e demonstrando o que é dito.

Ao contrário do modo expositivo está o poético presente na produção audiovisual através de poemas declamados pela *Cia Supernova de teatro experimental*, que realiza desde 2012 o “Espetáculo Novo Amapá”.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transmitir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresenta preposições sobre problemas que necessitam solução. Esse modo enfatiza mais o estado de ânimo, o tom e o afeto do que as demonstrações de conhecimento ou ações persuasiva(...) o modo poético é uma forma de representar a realidade em uma serie de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas (NICHOLS, 2005, P 139-140)

O Espetáculo Novo Amapá, que teve sua primeira encenação em 2012 é o olhar artístico e poético do maior naufrágio fluvial da história do Brasil. O trabalho é baseado nos textos “Triste Janeiro” do jovem ator e dramaturgo Joca Monteiro, que através dos poemas homenageia todos os envolvidos naquele acontecimento.

O público tem contato com os sonhos e encantos da infância onde o puc puc puc do barquinho de miriti dá ao homem o prazer da libertação e as águas tornam-se a porta para descobertas e anseios de palmo a palmo conquistar o mundo. Na luta por este sonho, o homem se torna coisa, carga, em engrenagem de um sistema mecânico que o explora de todas as formas e nos acontecimentos mais corriqueiros. Apesar de condicionado a exploração, o homem não perde a sua essência humana, sofre os amores e as perdas, mas não submerge a esperança por dias melhores. O lirismo do texto é observado durante a peça e se destaca em dois momentos: ao abordar a morte, tem-se o foco narrativo vindo de uma criança; é com homenagem explícita a todos que de algum modo foram tocados por aquele sinistro, em um tom quase de epílogo, o eu lírico invoca diversos heróis: em sua maioria anônimos que prestaram socorro às vítimas, mas que nunca foram reconhecidos por estes atos de humanidade. (SINOPSE, ESPETACULO NOVO AMAPA, 2012)

Os traços de documentário participativo presente na produção audiovisual “Morte nas águas: tristes memórias de um 6 de janeiro” se destaca pelo envolvimento da equipe produtora com os entrevistados, através de perguntas e indagações.

Os documentaristas também vão a campo; também eles vivem entre os outros e falam de suas experiências ou representam o que experimentaram.

O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera. Os tipos e graus de alteração ajudam a definir variações dentro do modo participativo do documentário. (NICHOS, 2005, pág. 153)

O documentário dá enfoque na memória dos personagens, traz à tona o fato marcante e relativamente invariante, que é o naufrágio do Barco Novo Amapá, e a memória da cobertura do fato.

A tragédia com o Barco Novo Amapá pode também ser tratada como um acontecimento ‘vivido por tabela’, pois é possível que muitos que não estavam no momento do fato, ou mesmo pessoas que ainda não haviam nascido, sintam-se fazer parte deste acontecimento. “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, pag.2). Philippe Joutard relata que “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

Um exemplo de produção audiovisual que retrata a questão da memória individual e coletiva é o documentário de Eduardo Coutinho, *Edifício Master*, produzido em 2002. O documentário traz através de entrevistas, com 37 moradores do Edifício, histórias de vida, além de retratar como era a situação do prédio que antes tinha uma péssima reputação pela presença do tráfico de drogas e prostituição. No relato da dona Maria do Céu, ela conta como era a movimentação noturna no prédio, e que muitas vezes era divertido. O que vem ao encontro do que diz Michael Pollak em seu artigo “Memória e identidade social” (1992), onde ele retrata que a memória a priori parece ser um fenômeno individual.

Maurice Halbwachs relata que a memória deve ser entendida “como uma fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetida a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, pag.2).

O indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referências; a memória é sempre construída em grupos, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito. [...] Uma semente de rememoração pode permanecer um dado abstrato, pode, ainda formar-se em imagens e como tal permanecer ou, finalmente pode torna-se lembrança viva. Estes destinos dependem da ausência ou presença de outros que se constituem como grupo de referência. (SCHMIDT; MHOFOUD, 1993, p.288)

Neste sentido, pode-se trazer à tona a história de Cesar Lima, que tinha dez anos de idade quando aconteceu a tragédia do barco Novo Amapá. Hoje com quarenta e três anos de idade ele fala sobre as lembranças que vive no dia seis de janeiro, data do naufrágio do barco novo Amapá, conforme se percebe em seu depoimento para este documentário:

Especificamente esse dia seis, até porque é muito próximo do aniversário da minha irmã, eu consigo vincular, eu gostaria de não vincular, mas eu não consigo. A gente lembra, lembra como personagem que a gente fez, de um história muito triste, porque foi um momento, eu acho, que foi até surreal assim, a gente não, nunca tinha passado por isso, a nossa vida onde nós morávamos era de casa pré fabricadas e a gente tinha uma vida muito reservada, né? Tudo muito certinho, de repente isso assolou a cidade inteira, né? Tomou conta e foi muito complicado, e reviver isso é muito difícil, porque eu fico sempre imaginando, sempre em janeiro eu tento imaginar o meu amigo que estaria com a minha idade, hoje ele estaria com quarenta e três anos, e ai eu fico imaginando o que ele seria, se ele teria família, se ele teria casado, se não. O que seria dessas pessoas, dessas mães que perderam es-

ses filhos, desses filhos que perderam seus pais. Foi uma morte, não só a morte real dessas pessoas, mas foi a morte de pessoas em vida mesmo, porque eram casos de mães que não conseguiam aceitar a morte de seus filhos, de crianças, de bebês, e isso fazia com elas ficassem muito tristes, históricos de pessoas que eram religiosos e perderam a fé, porque os seus filhos tinham morrido. Mulheres que tinham uma religião protestante que se revoltaram e cortaram seus cabelos curtiño, como sentimento de revolta, houve uma grande revolta, principalmente das mulheres que perderam seus filhos, seus maridos e imaginem essas mulheres com crianças pequenas sem os seus maridos, que eram o sustento de sua família, porque naquela época as mulheres não trabalhavam, era muito difícil você ter uma mulher ali trabalhando mesmo efetivamente, acho que noventa por cento era os homens que trabalhavam e colocavam o alimento pra dentro de casa. E isso fez com que muitas famílias se desfizessem, é muito difícil e é impossível não passar seis de janeiro sem a gente lembrar dessas pessoas, que não tiveram vida, que não tiveram um futuro, que não tiveram uma história, porque foi roubado deles tudo isso. (CESAR LIMA, 2014, DEPOIMENTO)

É importante destacar que além dos acontecimentos, “pessoas e personagens” (POLLAK, 1992, pag.2) existe também a ligação com certos lugares que de alguma forma já fez parte da vida.

Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. Para a minha geração na Europa este é o caso da Segunda Guerra Mundial. (POLLAK, 1992, p.3)

O monumentos aos mortos, citado por Michael Pollak, é constatado quando foi criado um Memorial aos mortos da tragédia com barco Novo Amapá, no cemitério do Município de Santana, este está lá para que o povo lembre-se sempre deste acontecimento, entretanto muito que estiveram presente em fatos trágicos preferem esquecer o que aconteceu, como explica QUINTAIS (2004, p.6): “A memória traumática destrói. Promete o sujeito à fragmentação, ou à dissociação, a usar um dos seus avatares psiquiátricos. Promete-o a uma impossibilidade”, ou seja, relatar esses fatos faz com que quem o presenciou sintam-se desconfortável.

Através do uso do enquadramento médio, Primeiríssimo Plano próximo e tomada Sobre o ombro, que serão utilizados no documentário, pode-se tentar aproximar o entrevistado do espectador, no sentido que relata o Site Primeiro Filme.

Enquadrar é decidir o que faz parte do filme em cada momento de sua realização. Enquadrar também é determinar o modo como o espectador perceberá o mundo que está sendo criado pelo filme. Quem enquadra bem, com senso narrativo e estético, escolhendo acertadamente como as coisas e as pessoas são filmadas em cada plano do filme, tem meio caminho andado para contar uma boa história com o cinema. Quem não sabe enquadrar está desperdiçando uma ferramenta fundamental da linguagem do seu filme (PRIMEIRO FILME, 2014)

A produção audiovisual sobre a cobertura da Tragédia do Barco Novo Amapá, está focada nos entrevistados que serão: Jornalistas, Sobrevivente e soldado, e nas reações de cada um, ao relatar o que presenciou ou que lembra sobre o fato. Neste sentido, a escolha pelo enquadramento Primeiríssimo Plano Próximo – PPP que pode trazer o melhor percepção das reações, restos e trejeitos dos entrevistados para o documentário.

10.METODOLOGIA

O desenvolvimento do relatório deste trabalho se dá através de pesquisa bibliográfica, que retrate o incidente como o Barco Novo Amapá, bem como as teorias do documentário e da memória coletiva. Também foram utilizados dados e elementos históricos registrados em Jornais, sites e blogs (já que os matérias de Tvs e Rádios locais são inexistentes), entrevistas com profissionais que trabalharam na cobertura do fato e também pretendo realizar entrevista com um sobrevivente da tragédia.

O material bibliográfico foi adquirido através da Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá, biblioteca Pública de Macapá e pesquisas na Internet.

Para a produção do documentário e também para nortear o relato como um todo, foram realizadas visitas nos principais meios de comunicação de Macapá, que fizeram a cobertura do fato, como por exemplo a Rádio Difusora do Amapá, mas no intuito de descobrir os profissionais dos meios que trabalharam na cobertura desta tragédia. É objetivo deter-se nos veículos de comunicação mais antigos do Amapá para entrevistar os jornalistas, porque é onde se pode encontrar e conversar com o jornalista Humberto

Moreira, por exemplo, um dos mais antigos jornalistas do Amapá, ele esteve presente no local até a remoção completa de todos os corpos das águas do Rio Cajari.

Sebastião Oliveira e Júlio Duarte, eram a equipe de repórter e cinegrafista da TV Amapá, afiliada rede Globo no Amapá, na época da acidente. Os dois sobrevoaram o local da tragédia. A TV Amapá é a única emissora detentora de imagens audiovisuais do incidente, porém elas estão indisponíveis.

Os demais jornalistas como por exemplo Paulo Silva, se encontravam no porto de Santana para realizar a cobertura. Através destas entrevistas, pretendemos entender o ponto de vista de quem retratou este fato de repercussão internacional.

Também entrevistaremos Cesar Lima, morava no Município paraense, Monte Dourado, na época do incidente, conviveu com a situação de abalo da cidadã, perdeu colegas de escola e vizinhos. Reginaldo Borges, era soldado do Exército Brasileiro, na ocasião nos resgates dos corpos das vítimas.

O documentário foi finalizado em uma hora e seis minutos. O estilo é o modo expositivo, que tem sua maior preocupação na defesa de argumentos do que com a estética. Os documentários com característica expositiva procuram narrar o fato de maneira a manter a continuidade da argumentação, usando assim o casamento perfeito entre o dito e o mostrado.

A ideia inicial de gravação do documentário era a gravação das entrevistas utilizando três câmeras, para que fosse realizado posteriormente, na edição e montagem do documentário, cortes e jogo de câmeras, mostrando o entrevistado, de acordo com suas reações, em diferentes ângulos. Mas o fato de realizar a maioria das entrevistas sozinho impossibilitou esta ação. As entrevistas foram gravadas com uma câmera posicionada de forma frontal com os entrevistados, e a cada reação dos entrevistados era dado um close nesses finos detalhes para dar mais veracidade às falas dos mesmos.

A edição foi realizada através do programa editor de áudio e vídeo Sony Vegas pro 13.

O período político, de outubro, contribuiu para a não realização das entrevistas, os jornalistas Humberto Moreira, Paulo Silva e Sebastião Oliveira, trabalhavam na campanha política de Camilo Capiberibe, que era candidato a reeleição do governo do Amapá. Passando esse período alguns tiraram folga e só me concederam entrevistas a partir do mês de dezembro.

A primeira entrevista foi realizada no dia 3 de dezembro de 2014, com o cinegrafista da TV Amapá, na época do acidente, Júlio Duarte. No dia 5 de dezembro de 2014, com o Jornalista Humberto Moreira, da Rádio Difusora.

As maiores dificuldades para a realização deste trabalho foi a questão de equipamentos. A falta de equipamentos profissionais de filmagem, fez com que algumas filmagens ficassem com imagens de pouca qualidade, além da baixa qualidade do áudio em função da utilização como instrumento da câmera fotográficas Nikon 3100. Ela não tem a entrada de microfones, então as imagens foram feitas neste equipamento e os áudios foram gravados com a ajuda de um telefone celular. No trabalho de edição foi feita a difícil e demorada tarefa de sincronizar áudio e vídeo, um trabalho que tomou bastante tempo na edição do documentário.

Outro problema é a falta de materiais referentes ao fato Tragédia do barco Novo Amapá, imagens em vídeos não foram encontradas. As gravações realizadas pela rádio não mais existem, e o único lugar em que teríamos acesso ao material audiovisual seria na Tv Amapá, entretanto o HD que continha as imagens foi danificado e as fitas antigas em que foram gravadas as imagens está sem o equipamento para realizar a reprodução do material, no que se refere a conversão das imagens para os equipamentos e extensões de arquivos utilizados atualmente.

Falar sobre o assunto é muito problemático para as pessoas que presenciaram o fato, muito disseram “não”, e poucos foram os que se dispuseram a falar sobre o assunto os entrevistados foram: Humberto Moreira, Júlio Duarte, Sebastião oliveira, Paulo Silva, Reginaldo Borges, Fernando Canto e César Lima.

A entrevista com o jornalista Humberto Moreira foi realizada no dia 05 de dezembro de 2014, na sede da Rádio difusora de Macapá. A ele direcionei questões relacionadas ao seu início no jornalismo; tempo de carreira; Locais onde trabalhou; Diferenças entre trabalhar no rádio e na tv. Tudo para deixá-lo mais à vontade e conhecer a história deste profissional, para então chegar a cobertura da tragédia do Barco Novo Amapá. Neste ângulo lhe fiz perguntas sobre como você ficou sabendo do acontecimento da tragédia; como foi chegar no local do incidente com o barco novo Amapá; por que realizar as notícias sobre o barco Novo Amapá foi tão difícil; como foi feito o envio das informações para a capital do Estado; e se pode-se comparar a tragédia do Barco Novo Amapá com uma guerra, pelo fato de haver tantas mortes. Também lhe perguntei sobre a sua opinião para as causas da tragédia; sobre quais os equipamentos usados pela Difu-

sora nessa época para repassar a informação para a população; como foi a repercussão da notícia sobre a tragédia do barco novo amapá na época (no Amapá e fora do Estado).

A entrevista com o radialista Paulo Silva foi realizada no dia 02 de janeiro de 2015, em sua residência, localizada na avenida professora Cora de carvalho, nº 4057, bairro Santa Rita. O direcionamento foi o mesmo dado à entrevista com Humberto Moreira: Quando iniciou no jornalismo; quanto tempo de carreira e locais por onde trabalhou, mas logo ingressei ao assunto da cobertura da tragédia com o Barco Novo Amapá. Paulo Silva fez uma análise do trabalho de Humberto Moreira no local da tragédia: “foi um trabalho heróico, ver centenas de corpos não é fácil”.

Júlio Duarte - Diretor de Interior da Tv Amapá / Na época da incidente era cinegrafista da emissora, foi entrevistado na sede da Tv Amapá – afiliada rede Globo, na manhã do dia 05 de dezembro. Ele contou como iniciou na TV Amapá e sua história no meio da comunicação. Ao abordarmos o assunto Novo Amapá, ele falou como ficou sabendo do naufrágio e qual foi a primeira reação na chegada ao local do acidente. Júlio contou que não esperava encontrar centenas de mortos, pois a primeira informação sobre o fato que havia recebido dava conta que tinham morrido apenas algumas pessoas.

A entrevista com o Sociólogo, escritor e jornalista Fernando Canto foi realizada em sua residência, localizada no bairro Santa Rita, no dia 26 de dezembro de 2014. Na época do incidente, Fernando não morava em Macapá, ele estava terminando o curso de Ciências Sociais, e trabalhava como repórter de uma revista em Belém do Pará, mas contou que ficou muito surpreso com a magnitude da tragédia. Fernando Canto fez uma análise como Sociólogo, sobre como a sociedade recebeu a notícia do acontecido, e respondeu se iria ou não ao local da tragédia caso estivesse em Macapá.

Cesar Lima, hoje psicólogo, na época do acidente estava com dez anos de idade, foi o sobrevivente da tragédia. Na verdade, ele seria uma espécie de “sortudo”, pois sua família desistiu da viagem na última hora. Sua entrevista foi realizada em sua residência, no bairro Trem, no dia 29 de dezembro. Entretanto no dia 5 de dezembro foi realizada a primeira entrevista, na orla de Macapá, mas o áudio ficou com péssima qualidade e decidimos remarcar e realizar uma nova entrevista no dia 29 de dezembro. Ele respondeu a perguntas como: o que lembrava; como a família recebeu a notícia; a opinião ao ver as informações na mídia e as lembranças que tem em todo dia 6 de janeiro, dia do incidente com o barco.

Reginaldo Borges, na época do acidente trabalhava com soldado do exército Brasileiro, ajudou no resgate dos corpos dos mortos. Foi entrevistado na manhã do dia 29 de dezembro na sede da TV Tucuju – afiliada Redetv, onde atualmente trabalha como jornalista. Ele contou que foi trabalhar no resgate dos corpos do naufrágio como voluntário, pois sobre a imensidão do fato, a equipe que ele fez parte foi a última a ser enviada ao local do acidente, e resgatou corpos em estado de decomposição, espalhados em diferentes pontos dentro do rio Cajari.

Sebastião Oliveira, repórter da TV Amapá, na época do acidente, foi entrevistado na tarde do dia 23 de dezembro, em sua residência. Contou sua história no jornalismo, falou como ficou sabendo da tragédia e as primeiras providências a serem tomadas para ir em busca de informações sobre o fato. Sebastião chegou a sentir mal estar na chegada ao local da tragédia mediante ao forte odor que exalava dos corpos vítimas do naufrágio.

11. CONCLUSÃO

A tragédia do barco Novo Amapá ainda é considerada como o maior desastre fluvial do Brasil. Passados trinta e quatro anos da tragédia ainda não se sabe quantas pessoas estavam realmente naquele barco, nem quanta pessoas vieram a falecer nas águas do rio Cajari. As informações repassadas pelos jornalistas na época, davam conta de que mais de seiscentas pessoas estavam no barco, e que centenas vieram a morrer. Os verdadeiros culpados pela tragédia não foram encontrados, muito menos punidos. Um processo judicial foi aberto pelo advogado Pedro Petcov, entretanto pela morosidade da justiça nenhuma ação foi tomada, levando a prescrição e arquivamento do processo.

A busca por materiais, em áudio e vídeo, referentes a tragédia foi incessante. A única esperança era o material em vídeo pertencente aos arquivos da TV Amapá, entretanto não nos foi disponibilizado, pelo fato de o HD onde estavam armazenados os vídeos ter sido danificado, e as fitas, que ainda possuem esse material está sem o aparelho para a leitura dos arquivos, deixando assim o acesso indisponível.

Esta falta de material sobre a tragédia foi um dos pontos que motivou a realização deste documentário de conclusão de curso. Penso que este trabalho serve como um instrumento histórico e jornalístico sobre o passado, para o presente e o futuro, através do resgate das memórias dos jornalistas que cobriram a tragédia do barco Novo Amapá, justamente por ser este um fato diretamente envolvido na história do povo da Amazônia. Este povo que tem como um dos principais meios de transporte, as embarcações. Logo, além do documentário ser jornalístico e histórico social, ele também tem o intuito de chamar atenção para que sejam realizadas mais fiscalizações nas saídas dos portos, não só em período festivos, mas que seja uma fiscalização incansável para que novas tragédias, como o Novo Amapá, não se repita e volte a afligir o povo amazônico.

Sabe-se ainda que o trabalho dos jornalistas, na cobertura jornalística da tragédia, foi de suma importância, pois sem os trabalhos desses profissionais a população do Amapá e o Brasil em geral, não ficariam sabendo do ocorrido, com tanta rapidez.

Constatou-se através dos relatos dos radialistas Humberto Moreira e Paulo Silva, que a transmissão da informação foi feita de forma bem precária. Foi utilizado o sistema de rádio de uma embarcação no Município paraense, Monte Dourado, onde estava sendo realizado os trabalhos de remoção dos corpos, para uma outra embarcação no Porto de Santana, que repassava a informação para a Rádio Nacional através de um sistema de transmissão de dados da SUTEL Amapá, que era um órgão de comunicação de dados naquela época.

Naquela época a TV Amapá ainda não possuía link para a transmissão ao vivo, nem transmissão via satélite, por isso a equipe da TV Amapá foi ao local do acidente, realizou as filmagens e anotações sobre o fato, voltou para Macapá, realizou a produção e edição das reportagens, mandou para Belém e de lá foram enviadas as informações para todo o Brasil, tornando o fato conhecido em todo território nacional e internacional.

Aqui no Amapá o povo se aglomerava no porto de Santana, em busca de informações, mas os corpos que chegavam eram encaminhados diretamente para o cemitério

de Santana, onde foram enterrados sem as menores homenagens por conta do avançado estado de decomposição, em grandes valas coletivamente. Ainda hoje é notório no estado do Amapá ver pessoas que se emocionam ao lembrar da “Tragédia do Barco Novo Amapá”. Fatos dessa magnitude são constatadas por Philippe Joutard, quando ele diz que podem “existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

Através do depoimento de César Lima, que na época do acidente tinha 10 anos de idade. César, era pra estar dentro do barco no momento do acidente junto com toda a sua família, mas devido a força do destino isso não aconteceu. Com o seu relato descobrimos qual o sentimento e reação ao falar do que lembra. O que mais chamou a atenção é o fato de falar que tudo parecia “surreal”. César, contou:

[...] “A gente lembra, lembra como personagem que a gente fez de um história muito triste, porque foi um momento, eu acho que foi até surreal assim, a gente não nunca tinha passado por isso, a nossa vida onde nós morávamos era de casa pré fabricadas e a gente tinha uma vida muito reservada, né? Tudo muito certinho de repente isso assolou a cidade inteira, né? Tomou conta e foi muito complicado[...]

O soldado, Reginaldo Borges, trabalhou nos resgates dos últimos corpos que estavam no rio cajari, Ele contou que esses corpos estavam espalhados pelo rio, e estavam em avançado estado de decomposição, pois já era sábado quando sua equipe chegou no local e o acidente aconteceu na noite da quarta-feira, dia 6 de janeiro.

Acredito que o objetivo principal deste trabalho, que era a Produção de um documentário audiovisual, em formato expositivo, sobre a memória da cobertura jornalística da “tragédia do Barco novo Amapá”, através dos relatos de sobrevivente, soldados e jornalista, foi alcançado, mediante ao trabalho concluído, um documentário de uma hora e cinco minutos.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, Jean-Claude. Cineastas e imagem do povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ERBOLATO, Mário L. Técnicas de Codificação em Jornalismo. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 183 – 188

ERBOLATO, Mário L. Técnicas de codificação em jornalismo: redação captação e edição no jornal diário. – 5 ed. São Paulo: Ática, 2008.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.49 -71

LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. -6 ed. - São Paulo: Ática, 2006. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

QUINTAIS, Luís. Trauma e memória: um exercício etnográfico Vol. IV (1), 2004. P. 6.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. 1992. P. 2- 3

MOLFETTA Andrea. Linguagem, ética e política no documentário da América Latina, 2008. P 20.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: o diálogo possível. – 5 ed. – São Paulo: Ática, 2008.

MEIHY, José Carlos S.B. Manual de história oral. 4.ed (ver. e ampl.). São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MUSBURGER, ROBERT B. Roteiro para mídia eletrônica / Robert B. Murburger; [tradução de Natalie Gerhaddt]. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. il. P. 35.

NICHOLS, BILL.: Introdução ao documentário, Campinas: Papyrus, 2005.

SCHMIDT, M.L.S; MAHFOUD, M. Haldwachs: Collective memory and experience. Psicologia USP, S. Paulo, v.4 n.1/2, p.285-298, 1993.

TÓFOLI, Luciene. Ética no Jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

13.ANEXOS

13.1 Roteiro

A abertura do documentário inicia com a música instrumental, Beat / Instrumental / Piano / Melancólico / Sad, produzido por UNDERGROUD ESTUDIOS ES, disponível no Youtube através do link https://www.youtube.com/watch?v=j9ie-oXcJ_u0		
Esta mesma música servira como trilha de fundo de toda a produção.		
Joca Monteiro	Recita poema “Triste janeiro”	
Ainda na abertura, Juntamente com a trilha sonora inicial, será exibido fotos de manchetes de jornais e revista que retrataram o acidente com o barco novo Amapá na época.		
Jesi Viana	Recita Poema “triste Janeiro”	
Humberto Moreira, falando como soube da acontecido com o barco. Transição de imagens durante a fala.	Deixa inicial: no dia seguinte ao naufrágio... Deixa final: e a empresa não mandou nenhuma, nenhum socorro pra ninguém lá.	
Transição de imagens da tragédia com trilha sonora de fundo.		
Júlio Duarte. Falou como ficou sabendo da tragédia.	Deixa Inicial: nós estávamos na emis-	

	<p>sora conversando...</p> <p>Deixa Final: tinha que ser um equipamento separa, chama-se VT, vídeo tipe.</p>	
Transição de imagens da tragédia com trilha sonora de fundo.		
Sebastião Oliveira, falou como ficou sabendo do fato.	<p>- Deixa Inicial: O fato aconteceu na noite de uma quarta-feira...</p> <p>- Deixa Final: que foram as duas emissoras, que foram exatamente fazer a cobertura desse naufrágio...</p>	
Sobe texto com trilha sonora de fundo.	<p>A verdadeira dimensão do desastre iniciou</p> <p>Quando a imprensa local divulgou a lista</p> <p>De despacho, na qual constava que</p> <p>Somente 146 pessoas haviam sido liberadas</p> <p>Para viajar,</p> <p>Enquanto que na embarcação</p> <p>Estiveram presentes</p> <p>Mais de seiscentas</p>	

	<p>peessoas.</p>	
Humberto Moreira, com trilha sonora de fundo.	<p>- Deixa Inicial: dois dias após a tragédia chegaram aqui...</p> <p>- Deixa Final: ficou impossibilitado de ir e eu tive que fazer isso...</p>	
Primeira fala Paulo Silva, com trilha sonora de fundo.	<p>- Deixa Inicial: Eu não fui porque minha filha estava preste a nascer...</p> <p>- Deixa Final: acompanhava o que acontecia lã no porto de Santana</p>	
Fala Júlio Duarte, com trilha sonora de fundo.	<p>- Deixa Inicial: ai o correia neto disse: Júlio, Aconteceu...</p> <p>- Deixa Final: Ele consegui um avião pra gente...</p>	
Segunda fala Sebastião Oliveira, com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: o diretora da emissora logo cedo....</p> <p>Deixa Final: Espalhados pela agua em forma de</p>	

	jangada	
Primeira fala Cesar Lima.	<p>Deixa Inicial: na época do acidente tinha quantos anos?...</p> <p>Deixa Final: indo de Macapá para monte dourado...</p>	
Primeira fala Fernando canto	<p>Deixa Inicial: eu tava bem concluído meu curso...</p> <p>Deixa Final: verificar como o ser humano consegue superar esses problemas</p>	
Texto:	Ninguém estava preparado para um choque daquele tamanho!	
Fala Humberto Moreira, com transição de fotos da tragédia e trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: como foi chegar no local?...</p> <p>Deixa Final: foi uma coisa meio traumatizante chegar lá.</p>	
Fala Júlio Duarte, com trilha sonora de fundo	Deixa Inicial: o piloto disse: Júlio é o seguinte...	

	<p>Deixa Final: desmaio e eu continuei filmando...</p>	
Terceira fala Sebastião oliveira	<p>Deixa Inicial: olha, eu passei na verdade, eu passei mal...</p> <p>Deixa Final: pra fazer o trabalho de reportagem foi a equipe da tv amapá naquela região</p>	
Fala Júlio Duarte. Com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: pousamos o avião e pegamos uma lancha...</p> <p>Deixa Final: não tem como comparar uma tragédia daquela</p>	
Fala Fernando Canto, com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: Você como graduado...</p> <p>Deixa Final: em que pese os esforços da capitania, dos órgãos fiscalizadores</p>	
Texto Grupo UOL, de 1999	<p>Segundo o Jornal do Comércio, do grupo UOL - 12/11/1999: A maioria dos naufrágios nos rios da Amazônia, onde as embarcações são o principal meio de transporte, tem em comum a superlotação.</p>	

	<p>O maior desastre na região" foi em janeiro de 1981, "quando o barco Novo Amapá naufragou no rio Cajari, no Amapá, "matando 378 pessoas.</p> <p>O barco tinha capacidade para 150" mas levava 696 passageiros."</p> <p>Em setembro do mesmo ano, o barco Sobral Santos 2º naufragou no Pará, causando a morte de 49 pessoas e deixando três desaparecidos. Outro naufrágio foi em julho de 1988, também no Pará.</p> <p>O barco Correio do Arari se chocou com um navio na Baía do Guarujá, a 5 km de Belém. A superlotação foi a causa. 56 morreram.</p> <p>O excesso de passageiros teria sido uma das causas do naufrágio do barco Comandante Albuquerque, no rio Madeira, em maio de 1995.</p> <p>O barco afundou ao perder o controle e se chocar com uma balsa. Outra causa seria o rompimento do cabo que une o timão ao leme.</p> <p>O acidente deixou 15 mortos e mais de 15 desaparecidos.</p> <p>Foram vários os</p>	
--	---	--

	acidentes Nos rios da Amazônia. Mas nenhum comparado a Tragédia do Barco Novo Amapá	
Fala Cesar Lima com trilha sonora de fundo.	Deixa Inicial: você lembra qual foi a reação... Deixa Final: muito choro, muita gritaria, isso eu lembro com bastante clareza.	
Fala Humberto Moreira, como exibição de imagens e trilha sonora.	Deixa Inicial: rapaz é um negocio traumático... Deixa Final: eu fiquei três dias lá sem comer, porque não dava, muito terrível...	
Fala Paulo Silva	Deixa Inicial: como é que você avalia o trabalho do Humberto... Deixa Final: mas também o trabalha da imprensa do amapá...	
Fala Júlio Duarte, com transição de fotos e trilha sonora.	Deixa Inicial: e aquele mal cheiro... Deixa Final: que eu já filmei...	
Fala Sebastião oliveira, com trilha sonora.	Deixa Inicial: e nós conseguimos	

	<p>fazer as filmagens...</p> <p>Deixa Final: ...muitos programas da tv bandeirantes de são Paulo...</p>	
Fala Humberto Moreira	<p>Deixa Inicial: a repercussão aqui no amapá foi muito grande...</p> <p>Deixa Final: ...esperando a chegada dos corpos...</p>	
Fala Sebastião oliveira, com trilha sonora.	<p>Deixa Inicial: e de lá já era encaminhado...</p> <p>Deixa Final: .. .bandeirantes também divulgo a noticia, ai sim ele ficou conhecida nacionalmente</p>	
Fala Paulo Silva com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: repercussão não tenha duvida, que foi, claro...</p> <p>Deixa Final: ...se mala em 300, 400 pessoas, até hoje ninguém tem o numero exato...</p>	
Fala Júlio Duarte, com trilha sonora de fundo e transição de fotos.	<p>Deixa Inicial: ali era o seguinte: quando começou...</p>	

	<p>Deixa Final: ...muito bom o cara, e ele só saiu de lar depois que enterrou tudo...</p>	
Fala Reginaldo Borges, com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: quem é o Reginaldo borges...</p> <p>Deixa Final: ...em pleno inverno, temporais, chuvas intensas, conseguimos trazer 58 corpos...</p>	
Anderson Pantoja	<p>Recita Poema “Triste janeiro”</p>	
Fala Reginaldo Borges, com trilha sonora de fundo.	<p>Deixa Inicial: alguns, que trabalhavam nas balsas...</p> <p>Deixa Final: ...de não beber e suportar até o final...</p>	
Fala Sebastião oliveira	<p>Deixa Inicial: a TV, TV de Belém, TV liberal de Belém mandou um repórter...</p> <p>Deixa Final: aguentei o trampo...</p>	

Humberto Moreira	<p>Deixa Inicial: nas embarcações havia um equipamento...</p> <p>Deixa Final: ...por conta desse tipo de equipamento...</p>	
Júlio Duarte	<p>Deixa Inicial: só existia a difusora, educadora e tv amapá...</p> <p>Deixa Final: da tv amapá que foi eu que fiz na época....</p>	
Humberto Moreira	<p>Deixa Inicial: só tinha rádio nacional e tv amapá...</p> <p>Deixa Final: e rádio nacional era a única emissora de rádio...</p>	
Júlio Duarte	<p>Deixa Inicial: Era uma câmera Sony na época...</p> <p>Deixa Final: via Embratel, naquele época não existia via satélite.</p>	
Sebastião Oliveira	<p>Deixa Inicial: pra um repórter é importante...</p> <p>Deixa Final: noticioso e de forma geral dentro</p>	

	da comunidade...	
Júlio Duarte	<p>Deixa Inicial: o jornalista é o seguinte: quando ele ta em cima de uma coisa....</p> <p>Deixa Final: ... claro que não quero que isso nunca mais aconteça, eu iria de novo...</p>	
Sebastião Oliveira	<p>Deixa Inicial: fica aquela sensação de mal estar...</p> <p>Deixa Final: ...em determinado momento te faz um certo mal, te cause um certo mal, mas você consegue posteriormente superar...</p>	
Paulo Silva	<p>Deixa Inicial: eu fiquei aqui acompanhando...</p> <p>Deixa Final: foi algo realmente estarrecedor...</p>	
Fernando Canto	<p>Deixa Inicial: naquela época, se você estivesse...</p> <p>Deixa Final: algo particular que corporifique antes de você ser o profissional que tem que ser...</p>	

Cesar Lima	<p>Deixa Inicial: como o Cesar lima... qual o sentimento hoje...</p> <p>Deixa Final: ...que não tiveram um futuro, que não tiveram uma história, porque foi roubado deles tudo isso...</p>	
Lorena Pires	Recita poema “triste Janeiro”	
Humberto Moreira	<p>Deixa Inicial: é uma coisa que não da pra você esquecer...</p> <p>Deixa Final: ...muito tétrico, negocio muito ruim...</p>	
Sebastião Oliveira	<p>Deixa Inicial: uma vez eu fui entrevistado por um colega...</p> <p>Deixa Final: ...eu tive o privilégio de ser o primeiro apresentador a ler no teleprompter...</p>	
Paulo Silva	<p>Deixa Inicial: o meu sentimento é que os rios...</p> <p>Deixa Final: que</p>	

	novos novo amapá aconteça...	
Cesar Lima	Deixa Inicial: pra finalizar, você aprendeu algo... Deixa Final: ...pode perder a qualquer momento, é muito frágil...	
José Jhimmy	Recita Poema “Triste Janeiro”	
Cesar Lima	Deixa Inicial: Esse trauma que ficou... Deixa Final: que conviver com isso...	
Cenas espetáculo teatral novo Amapá – Imagens de manchetes de jornais – Créditos.	Poema “Triste Janeiro”	

1.2 DOCUMENTÁRIO